



## CIÊNCIAS HUMANAS

**Cinema e consciência: desafios da formação docente***Cinema and conscience: challenges of teacher education*Marcia Narcizo Borges<sup>1</sup>, Rafaela Reis Machado Miranda<sup>2</sup>,  
Raiza Caroline de Oliveira Leal<sup>3</sup>, Thiago Duarte Rodrigues<sup>4</sup>**RESUMO**

Esse trabalho apresenta um relato de experiência sobre a qualificação da formação inicial de alunos do curso de licenciatura em Química da UFF - Universidade Federal Fluminense por meio da linguagem cinematográfica. O ciclo de cines debates organizado por este grupo numa escola da rede pública estadual, na cidade de Niterói (RJ), demonstrou que a experiência estética e subjetiva do cinema gera um ambiente de ensino-aprendizagem mais democrático, onde estudantes do Ensino Superior e da Educação Básica tornam-se consumidores e críticos da linguagem audiovisual. Os resultados obtidos mostraram, sobretudo que foi possível formar professores de Química comprometidos em experimentar e pesquisar o potencial educativo que o cinema oferece, praticando uma pedagogia que visa muito mais do que o ensino de conteúdos disciplinares, mas a formação cidadã.

**Palavras-chave:** Cinema e educação; formação de professores; cine debate.

**ABSTRACT**

*This work is an experience report that sought through the use of film language to qualify the initial formation of undergraduate Chemistry students at UFF who elaborated and organized a cycle of movie debates in a public school. From the debates, the aesthetic and subjective experience of cinema has encouraged undergraduates and Basic Education students to share a horizontal learning relationship, since both groups have placed themselves as consumers and critics of audiovisual language. The results showed, above all, that it was possible to train chemistry teachers committed to experimenting and researching the educational potential that cinema offers, practicing a pedagogy that aims not only the teaching of disciplinary content but also citizen formation.*

**Keywords:** Film and education; teacher training; movie session debate.

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói/RJ - Brasil. E-mail: [marcianb@id.uff.br](mailto:marcianb@id.uff.br)

<sup>2</sup> Idem. E-mail: [rafaela.mrnda@gmail.com](mailto:rafaela.mrnda@gmail.com)

<sup>3</sup> Idem. E-mail: [raizacarolineleal@gmail.com](mailto:raizacarolineleal@gmail.com)

<sup>4</sup> Idem. E-mail: [thiago\\_d\\_rodrigues@hotmail.com](mailto:thiago_d_rodrigues@hotmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

O acesso à cultura e à educação é garantido pelos Direitos Humanos, sendo, portanto primário e imprescindível à formação cidadã. Porém, muitas vezes, a cultura (incluindo a arte cinematográfica) aparece no currículo escolar como algo supérfluo ou de menor importância em relação às demais disciplinas. Embora a promulgação da lei 13.006/2014<sup>5</sup> tenha sido uma vitória dos educadores que acreditam no cinema como um meio potente de viabilizar uma educação cultural plena, que valorize a cidadania, traz uma série de incertezas e desafios. A construção de possibilidades e acessos ao cinema brasileiro, a infraestrutura das escolas além da formação inicial e continuada de professores são alguns dos obstáculos que precisam ser enfrentados.

Portanto, qualquer proposta no sentido de resolver tais desafios, precisa ser amparada por aportes teóricos e metodológicos que embasem experiências relativas ao cinema em espaços educativos e que tratem a escola como um lócus de aprendizagem emancipadora. A esse respeito, Bergala (2008) aponta que o cinema na escola teria sua própria pedagogia, nomeada por ele de “Pedagogia do Cinema”. Tal prática pedagógica, só seria possível se fosse dada a oportunidade para que alunos e professores vivenciassem os filmes como espectadores competentes e satisfeitos. A pedagogia do cinema preza acima de tudo o respeito aos estudantes, tratando-os como cidadãos capazes de propiciar relações em sala de aula, que favoreçam a alteridade e a criticidade, como um meio de redução de desigualdades.

Sua teoria chamada “hipótese-cinema” diz que a aprendizagem crítica se faz indo para além da leitura dos filmes, precisando culminar com o ato de criar seu próprio filme- a realização. A experiência da realização é considerada por Bergala uma oportunidade única de educação igualitária, pois a criação coletiva, mesmo que seja num simples plano, como se propõe na prática do Minuto Lumière<sup>6</sup>, direciona relações mais horizontais e justas, como pressupõe uma educação transformadora. (BERGALA, 2008).

Em diálogo com Bergala, Migliorin (2015) acrescenta que a presença do cinema na escola tem uma dimensão política, uma vez que articula Educação e Direitos Humanos. Tanto Bergala quanto Migliorin inovam em projetos que estimulam estudantes de escolas públicas a criar, inventar e crescer como cidadãos críticos capazes de falar de si e do outro com autonomia e alteridade através de imagens, que é “fruto de um encontro entre uma máquina, um sujeito - ou vários - e algo que está no mundo.” (MIGLIORIN, 2015, p.35).

Na proposta de educação através do cinema cabe ao professor criar as possibilidades para que o fazer cinematográfico aconteça. É uma subversão da ordem daquilo que a escola reproduz, desconstruindo, como preconizava Paulo Freire a ideia de que o professor seja o único detentor do conhecimento e transmissor do saber. Duarte

<sup>5</sup> A Lei 13.006, de 26 jun. 2014, que acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996, obriga que todas as escolas de educação básica exibam duas horas de cinema nacional por mês como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica da escola. (FRESQUET, MIGLIORIN, 2015, p.5).

<sup>6</sup> Minuto Lumière é um exercício de iniciação à criação cinematográfica que consiste em filmar uma cena do cotidiano por no máximo um minuto com a câmera fixa.



(2002) considera ainda que o cinema na escola amplia o universo cultural, social e político do indivíduo, ou seja, contribui para o que ela chama de “competência para ver”. Para Duarte, as relações com os filmes, devem se construir desde a infância, e a autora aposta no cinema como recurso de ensino fundamental por sua potência educativa.

Aprendi a aprender com os filmes, a usufruir mais intensamente da emoção que provocam, a interpretar as imagens, a refletir, e a partir delas reconhecer valores diferentes e questionar os meus próprios. (DUARTE, 2002, p.11).

A autora reconhece que numa sociedade audiovisual como a que vivemos, é fundamental que o estudante se aproprie dessa “gramática cinematográfica” como um meio de transitar por diferentes campos sociais. Ela lembra que a maioria dos “consumidores” de cinema de arte são indivíduos que pertencem às elites econômicas e intelectuais, aqueles que segundo Bourdieu possuem “Capital Cultural”. Para Bourdieu, além da condição econômica, o acesso à cultura é um importante marcador de reprodução de desigualdade social. (BONAMINO *et al.*, 2010). Mas essa situação pode vir a ser mudada se o cinema estiver presente na escola pública, e oferecer a oportunidade da experiência cinematográfica para aqueles que provavelmente não teriam acesso a ela. A questão do domínio da linguagem audiovisual e a inserção social são possíveis na experiência fílmica, pois incentivam relações de sociabilidade possíveis de serem construídas mesmo entre os desiguais.

Duarte defende, assim como Migliorin, que a inserção do cinema no ambiente escolar transponha a sua utilização como apoio didático de uma determinada disciplina ou conteúdo. Embora tenha uma função educativa importante, tal prática, minimiza as possibilidades de ampliar concepções de mundo próprios do ponto de vista de cada filme. (MIGLIORIN, 2016). Para isso as análises das imagens e das narrativas fílmicas devem ser inseridas como campo de pesquisa em educação, e dentro deste ponto de vista, torna-se necessário investir na formação docente voltada para o cinema na escola.

Esse relato de experiência buscou através de uma pesquisa-ação refletir sobre a formação inicial de alunos do curso de licenciatura em Química da UFF que se propuseram a estimular a educação crítica numa escola pública em Niterói. Para isso, inspirados na pedagogia do cinema de Bergala, elaboraram e organizaram um ciclo de cine debate.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. CINEMA E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES MEDIADORES

Ser ou tornar-se um professor, na sociedade contemporânea, é tarefa complicada, visto que a especificidade da profissão é afetada pela diversidade de fatores relacionados às diferentes trajetórias de vida destes profissionais.

No âmbito das pesquisas, observa-se que esta formação envolve os elementos da vivência escolar, o período acadêmico, o desenvolvimento pessoal e profissional da atividade docente. É a partir desses elementos que é constituída e modificada a



identidade profissional, pois os professores, em geral, passam a atribuir sentido a suas ações, face às diferentes atitudes e reflexões vivenciadas durante a sua trajetória de vida. (BRITO; LIMA; LOPES, 2015, p.140).

Quando Bergala define o cinema na escola como uma oportunidade de construção de conhecimento, e não só de consumo e entretenimento, ele supõe que o professor atue como um mediador de uma relação de ensino e aprendizagem crítica. Para que professores, independente da disciplina, provoquem a emancipação de sujeitos, é preciso o domínio de algumas inovações tecnológicas e de alguma percepção da potencialidade da cultura audiovisual. Disso surge uma insegurança e para alguns professores, acaba sendo mais cômodo usar o filme somente para atender aos currículos escolares.

O uso do audiovisual no atendimento à Lei 13.006/14 pressupõe extrapolar métodos convencionais de ensino e avaliação, que se vinculam ao repertório fílmico do professor. Se quisermos que professores de todas as áreas do conhecimento se envolvam na promoção da construção de um pensamento crítico via experiência fílmica, é necessário promover a formação de professores incluindo o audiovisual como parte do projeto pedagógico da escola. Cabe então aos responsáveis pela formação docente assumir a tarefa de potencializar ações, para que através da sala de cinema, ou dentro do espaço escolar, os filmes, principalmente brasileiros, sejam inseridos nas práticas educativas. De acordo com Soares (2015), para atender essa demanda, é necessário que as universidades se mobilizem oferecendo formação em projetos de ensino, pesquisa e extensão.

## 2.2. CINEMA NA ESCOLA E PROFESSORES DE QUÍMICA

A arte cinematográfica surge em função de uma inovação tecnológica do final do século XIX, que é o de colocar imagens fotográficas em movimento. Transcende a cinematográfica, pela sensibilidade humana, e dá sentido a imagens do que se vê. O Cinema é a expressão simbiótica de Arte e Ciências e quando é mediado na escola por um professor da área de Química, por exemplo, é possível problematizar a percepção do senso comum sobre Ciências que muitas vezes é retratado nas telas como civilizadora, apolítica e linear, acessível somente aos gênios de nações superiores.

A problematização sobre a história das ciências, ideologias, revoluções científicas e tecnológicas são fundamentais para que os estudantes compreendam o conhecimento científico e tecnológico como resultado da construção humana, inserido num processo histórico e social. (BRASIL, 2000; CUNHA; GIORDAN, 2009; BARRETO, 2014). Segundo Attico Chassot (2007), a Ciência pode ser definida como a expressão de uma linguagem construída para explicar o mundo natural. Compreender tal linguagem implica em conhecer códigos que traduzam tais mensagens.

O cinema, embora seja mais bem compreendido através da linguagem estética, se faz também através dos elementos científicos. Do mesmo modo que não dá para reduzir um filme a uma sequência de imagens em movimento, não é possível ignorar que a tecnologia e o conhecimento científico dão suporte à arte ou a história que se quer contar. Arte e Ciência, embora separadas do ponto de vista disciplinar e áreas de conhecimento, são mais próximas do que muitas vezes se imagina. Portanto, é



fundamental que professores de Química consigam humanizar a Ciência nos filmes pensando também nas escolhas, gesto cinematográfico que envolve cada produção.

O uso do cinema na escola direcionado à aprendizagem de conteúdos científicos e particularmente na disciplina Química é uma prática que já vem se consolidando nas escolas. (ARROIO, 2008; SANTOS; AQUINO, 2011). No entanto, concordamos com Barros *et al.* (2013) para quem:

o uso do cinema como estratégia pedagógica e educacional pode ser de grande valia para o processo de ensino e aprendizagem, não somente para a apresentação dos conteúdos exigidos na escola, mas também para a formação do caráter integral do indivíduo. (BARROS *et al.*, 2013, p.98).

Dessa forma, é essencial investir na formação de professores que consigam se aproximar do audiovisual dispostos a assumirem um papel mediador numa relação de horizontalidade com relação às experiências fílmicas. A reflexão sobre o processo permite enfrentar diversas limitações de formação, que vão desde o desconhecimento técnico até a falta de repertório cinematográfico, quase sempre limitado aos padrões *hollyudianos*.

### 3. METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos metodológicos optou-se pela adoção de um marco referencial sistêmico com base nos métodos participativos de Thiollent (1986), uma vez que os professores em formação atuaram ativamente como agentes e objetos da pesquisa realizada durante todo o processo. Como Thiollent propõe que existem diferentes formas de pesquisa participante, dentre as quais a pesquisa-ação, consideramos que essa última expressa melhor a forma pela qual o projeto foi desenvolvido, pois trata-se de:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.15).

Tal metodologia mobilizou um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa, cujo denominador comum foi atender a dois tipos de objetivo: prático e teórico. O prático considerou desde o problema a ser solucionado, levantamento de soluções até a proposta de ações.

No que diz respeito à parte teórica, a pesquisa foi inspirada na hipótese-cinema de Bergala e alicerçada por Duarte no que ela chama de “competência para ver”, ou seja, o estímulo ao gosto pelo cinema. Assim o trabalho em sua fase inicial foi dividido em 3 etapas.

#### *Etapa 1 - Fase preparatória*

1) Objetivos: Estruturar e implementar o projeto no Colégio Estadual, que possuía condições de infraestrutura e interesse em participar do projeto. Ações: Reuniões



preparatórias e investigação diagnóstica para conhecer as experiências fílmicas dos docentes, licenciandos e discentes.

2) Objetivos: Ampliar o repertório fílmico dos licenciandos para potencializar a escola como um espaço privilegiado de fruição fílmica. Ações: Organização com a colaboração da escola de um acervo de filmes composto principalmente por produções nacionais; Elaboração de fichas pedagógicas de cada obra selecionada.

#### *Etapa 2 - Cinema em debate*

Objetivos: Problematizar questões científicas, sociais, históricas e tecnológicas a partir das obras cinematográficas previamente selecionadas. Ações: Organização e realização do ciclo de cine debate semanal.

#### *Etapa 3 - Avaliação*

Objetivos: Fazer uma reflexão crítica sobre a prática docente dos licenciandos, com base na abordagem contextual do cinema na escola, verificando se as ações executadas atingiram os objetivos propostos. Ações: Avaliação processual levando em conta a percepção de todos os envolvidos, como licenciandos, estudantes participantes e a direção da escola. Os principais instrumentos de coleta de dados incluíram, anotações, o uso de questionário semiestruturado para a coleta da percepção dos estudantes sobre o ciclo de cine debate e depoimento da direção da escola.

O projeto teve continuidade com aquilo que Bergala chama de “experiência da realização”. No entanto, essa etapa não será objeto de análise desse relato, uma vez que foi conduzida por um grupo de estudantes de licenciatura em Cinema da UFF e merece uma discussão mais aprofundada em outro momento.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A fase preparatória na escola começou com a apresentação do projeto. Em seguida realizou-se um questionário diagnóstico que foi respondido por 80 alunos. O questionário revelou inicialmente: que a faixa etária dos estudantes variava entre 14 e 18 anos, dado importante por causa da classificação dos filmes por idade; que o principal veículo utilizado para assistir filmes era a internet e/ou aplicativos de filmes e séries.

A pesquisa mostrou ainda que 59% dos alunos não assistiam a filmes brasileiros. As relações dos licenciandos com o cinema e seu repertório de experiências fílmicas também não era muito diferente daquelas apontadas pelos escolares. Tais constatações reafirmam a relevância da lei nº 13.006/2014 que prevê a inclusão de pelo menos duas horas de cinema nacional por mês como componente curricular em escolas públicas.

O cinema nacional possui rica e extensa produção que contribui para disseminar as representações identitárias nacionais, principalmente entre os jovens que muitas vezes as conhecem apenas superficialmente. Tendo isto em vista, a curadoria da filmoteca organizou um acervo composto majoritariamente por produções nacionais de diferentes categorias e gêneros.



Assim, o projeto, como um todo, foi um extraordinário desafio para futuros professores de química se aventurando em uma área pouco conhecida pelos mesmos, principalmente porque estes desejavam propiciar experiências fílmicas como instrumentos de transformação sociocientífica e cultural.

Mas foi aos poucos, começando com o exercício de ver filmes autorais de diferentes categorias e gêneros que os professores em formação começaram a compreender o cinema como expressão estética. A valorosa colaboração de alunas do curso de licenciatura em Cinema da UFF ajudou a compreender questões como: linguagem cinematográfica, escolhas do diretor, enquadramentos, trilha sonora e outros elementos que resultam num conjunto de significações que sob o olhar do espectador dão novo significado à obra. Essa fase de preparação foi significativa para que os licenciandos selecionassem as obras a serem exibidas no ciclo de cine debates.

A construção do acervo com 51 obras, na forma de uma filmoteca visou a elaboração de um instrumento atual e vivo, que poderá ser atualizado a qualquer momento e ficará disponível para a escola, servindo de base para projetos e atividades futuras. Sua curadoria levou em consideração as respostas fornecidas pelos estudantes ao questionário de avaliação inicial; a relevância dos filmes selecionados; assim como o contexto social e político no qual a escola e seu corpo estavam inseridos socialmente.

### *Cine debate em ação*

O projeto ocorreu em um colégio público da cidade de Niterói/RJ com cerca de 300 alunos matriculados em horário integral. A escola disponibilizou para o cine debate um horário de atividades extraclasse às sextas-feiras entre 13h e 15h, tendo como limite o horário de fechamento da escola às 15:30. A frequência variou entre 3 e 15 estudantes por cine debate e foi considerada boa, uma vez que no mesmo período havia concorrência com outras atividades que o colégio oferecia, como: aulas de preparação para a Olimpíada de Matemática, aulas do DETRAN para a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação gratuita e eventualmente torneios de futebol.

Para uma mediação segura durante os debates era fundamental que os licenciandos aprimorassem seu senso estético e sua atitude crítico-reflexiva, pois este é um momento particularmente tenso para professores iniciantes nessa prática. Por isso, elaboramos fichas pedagógicas para os filmes selecionados para exibição. As fichas tiveram por objetivo não só fornecer informações técnicas, como também prover informações e orientações sobre como a obra poderia ser utilizada para ampliação de conhecimento, reflexão e análise.

Para elaboração das fichas, foi necessário fazer: 1) pesquisa bibliográfica e documental; 2) contato prévio com o filme escolhido; 3) pesquisa sobre a ficha técnica e informações sobre o filme (história do diretor, crítica de especialista, premiações e curiosidades sobre a produção do filme); 4) propor atividades complementares e dinâmicas que englobassem temáticas vinculadas a linguagem cinematográfica.

Um critério importante para a escolha dos filmes foi o seu potencial gerador de debate em torno da estética e linguagem cinematográfica que não se restringisse ao gosto dos alunos, mas que pudessem englobar outras temáticas capazes de propiciar um ambiente de pensamento crítico. Como o tempo para a atividade era limitado foi



necessário que a película tivesse duração tal que permitisse os debates. Assim filmes de curta e média duração foram privilegiados, o que foi muito interessante, porque os estudantes tinham o hábito de assistir apenas longas-metragens.

A seleção de filmes conseguiu atender um pouco de todas as demandas diversificando linguagem e estrutura narrativa, que se interseccionavam em curtas e longas-metragens, drama, comédia, documentários, animações, etc. Para cada filme exibido foi preparada um ficha pedagógica e um cartaz de divulgação, exemplificados nas Figuras 1 e 2.

**Figura 1** – Parte da Ficha Pedagógica da obra “Saneamento Básico: o filme”.

**FICHA PEDAGÓGICA: SANEAMENTO BÁSICO, O FILME**  
 TRABALHANDO EM SALA DE AULA  
 (INDICADO PARA SER TRABALHADO COM ENSINO MÉDIO)  
 MEIO AMBIENTE E CULTURA  
 QUESTÕES GERADORAS

-> CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: COMO OS DEJETOS/ RESÍDUOS QUE DESCARTAMOS IMPACTAM O MEIO AMBIENTE? TRAZER ESSA QUESTÃO PARA A ABORDAGEM DO FILME, RETRATANDO CENAS EM QUE OS PERSONAGENS DO FILME DESCARTAM O LIXO DE MANEIRA INADEQUADA E A MEDIDA QUE COMEÇA A PRODUÇÃO DO FILME NA COMUNIDADE, ADQUIREM A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL.

-> DISCUTIR COM OS ALUNOS OS CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO, PROGRESSO E QUALIDADE DE VIDA E COMO ELES SE APLICAM NO LOCAL ONDE MORA.

-> PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE UM VÍDEO/FILME: QUAIS SÃO AS DIFICULDADES ENCONTRADAS? EDIÇÃO, EXPLORAR/ PROCURAR SOBRE O GÊNERO A SER DESENVOLVIDO, ROTEIRO, EFEITOS ESPECIAIS.

LINKS DE APOIO: [WWW.IRGE.GOV.BR](http://WWW.IRGE.GOV.BR)  
[HTTPS://WWW.AICINEMA.COM.BR/COMO-APLICAR-EFEITOS-DE-HOLLYWOOD-EM-UM-CURTA-DE-BAIXO-ORCAMENTO/](https://WWW.AICINEMA.COM.BR/COMO-APLICAR-EFEITOS-DE-HOLLYWOOD-EM-UM-CURTA-DE-BAIXO-ORCAMENTO/)

Fonte: Elaborada pelos autores.

**Figura 2** – Cartaz de divulgação da obra “Saneamento Básico: o filme”.

**Saneamento básico. O filme**

SEXTA-FEIRA, 18 ÀS 13H

DURAÇÃO: 112 MINUTOS  
 ANO DE LANÇAMENTO: 2007  
 PRODUÇÃO E ROTEIRO: JORGE FURTADO  
 DISTRIBUIDORA: CASA DE CINEMA DE PORTO ALEGRE

ONDE?  
 NA SALA MULTIMÍDIA DO CEBRIC

Fonte: Elaborada pelos autores.





As películas selecionadas estão listadas no Quadro 1. Os filmes de curta metragem sobre o mesmo tema foram exibidos no mesmo dia.

**Quadro 1** – Data, Filme e Atividades dos cine-debates.

<b>Data/ Tema</b>	<b>Filme/Documentário</b>
11 de Maio/ Política e Trabalho	O menino e o mundo
08 de Junho/ Produção Cinematográfica e Meio Ambiente	Saneamento básico: o filme
15 de Junho/ Meio Ambiente	Ilha das flores e Ilha das flores depois que a sessão acabou
29 de Junho/ Trabalho e Preconceito Racial	Mucamas e Menino 23: Infâncias perdidas no Brasil
10 de Agosto/ Sociedade, Gênero e homofobia.	Hoje eu quero voltar sozinho
17 de Agosto/ Ciência, Política, a Mulher na Ciência.	Nise - O coração da Loucura
24 de Agosto/ Ciência e Meio Ambiente; agrotóxicos	O veneno está na mesa
31 de Agosto/ Mulher negra na Ciência e sociedade	<i>Estrelas além do tempo.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

A programação elaborada respeitou o cronograma escolar e por isso nem sempre foi possível que as seções ocorressem semanalmente. No mês de maio deu-se início ao cine debate, sendo selecionado o filme *O menino e o mundo* para a abertura. Por ter sido o primeiro filme brasileiro a concorrer ao Oscar de Melhor Animação em 2016, além de ter recebido mais de 40 prêmios mundialmente, a obra despertou a curiosidade dos estudantes. O debate foi mediado pelos licenciandos que estimularam os estudantes a refletir sobre o que foi assistido. Na condição de pesquisadores participativos, os licenciandos deveriam acompanhar, estimular a participação dos estudantes, mas não interferir muito no debate. Porém, sendo a primeira experiência deles nesse sentido e devido à ansiedade, eles acabavam se antecipando em algumas falas. Por outro lado, a participação estudantil que começou tímida, gradualmente aumentou, com a conversa adquirindo um caráter mais extrovertido e desinibido. Assim, várias questões emergiram, como a invisibilidade social, o modelo agressivo capitalista de consumo, a questão do trabalho e das leis trabalhistas, além das escolhas estéticas do diretor.

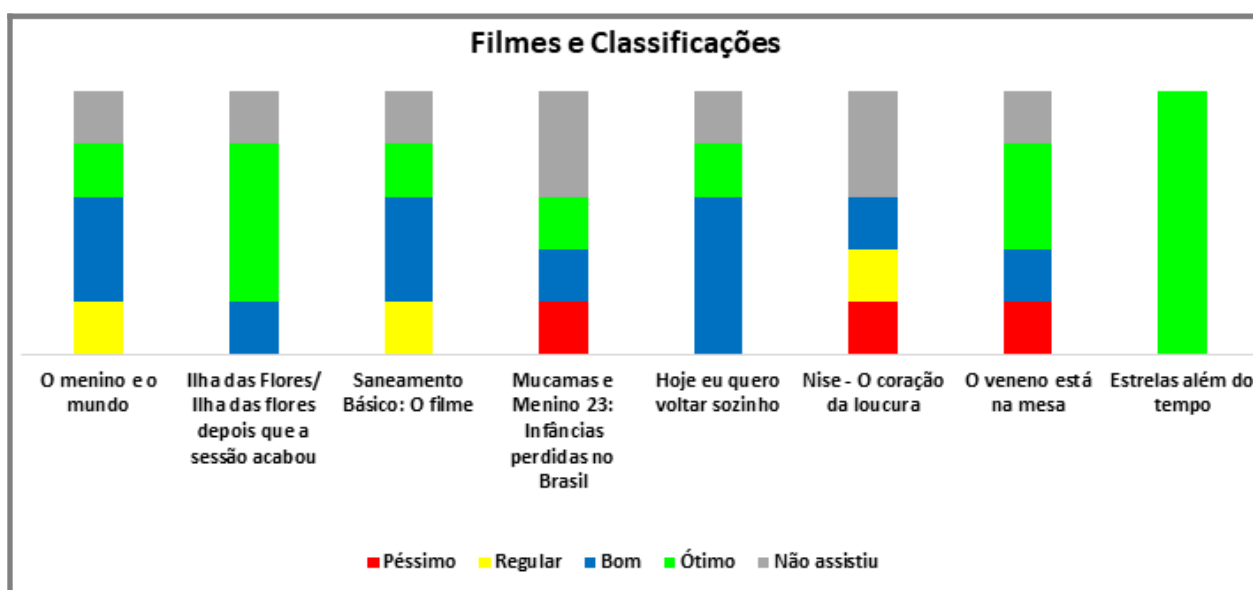
Na última seção, realizada no dia 31 de agosto, foi exibido o único filme estrangeiro selecionado: *Estrelas além do tempo*. Além de atender o gosto dos estudantes por filmes estadunidenses, esse filme foi escolhido por aglutinar questões que já vinham



sendo colocadas em obras exibidas anteriormente. A misoginia e a segregação de mulheres cientistas negras num ambiente como a NASA, no auge das grandes conquistas espaciais é uma abordagem incomum no cinema. O debate retomou questões sobre a imagem projetada do cientista e da Ciência neutra.

Ao final do projeto, os alunos que participaram dos cines debates responderam ao questionário avaliativo, com sete questões, entre abertas e fechadas. A primeira pergunta pediu que os estudantes classificassem numa escala de 1 a 5, do pior para o melhor, suas percepções sobre os filmes assistidos. Os resultados estão no gráfico da Figura 2.

**Figura 2** - Opinião dos alunos sobre os filmes exibidos.



Fonte: Elaborada pelos autores.

O projeto se propôs a estimular que os estudantes conhecessem e valorizassem a produção cinematográfica nacional. Apesar disso, por meio das respostas obtidas nos questionários, foi possível observar que o filme preferido foi uma produção estadunidense. Tal fato não é tão surpreendente, pois além de ter sido considerado pela crítica especializada um filme muito bom, tem uma estética narrativa com a qual os estudantes já estavam acostumados. Além disso, a trajetória de superação das protagonistas em relação à segregação racial e discriminação de gênero no meio científico, gerou empatia e um caloroso debate ao comparar a realidade brasileira.

Os filmes brasileiros que também abordam o racismo, como *Mucamas e Menino 23: Infâncias perdidas no Brasil* dividiram opiniões. Estão no formato documentário e semidocumentário e apontam em algum grau “um determinismo racial” que é sensível para quem está imerso naquela realidade.

O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. (MIGLIORIN, 2010, p.112).

O desconforto e o estranhamento fazem parte do processo de fruição fílmica, que é mais que entretenimento e coloca professores e alunos na condição de aprendizes.



Mesmo assim, as avaliações a respeito do cinema nacional foram consideradas bastante positivas, se levarmos em conta que mais da metade dos estudantes não se interessavam pelo cinema brasileiro. Ao serem perguntados se a participação no projeto havia mudado a opinião sobre filmes brasileiros, 75% dos alunos disseram que sim, como exemplificado na resposta a seguir.

“De uma grande forma, pois eu não gostava muito de filmes brasileiros”

A visão mais favorável dos filmes nacionais pode também ter sido influenciada pelos debates. Ao longo do processo os licenciandos foram conseguindo por em prática nos debates uma mediação menos intervencionista, visando à construção do pensamento crítico e problematizador acerca das obras apresentadas. A proximidade de idade, experiência de vida e a postura dos licenciandos de se colocarem também como aprendizes, até porque não possuíam formação específica na área cinematográfica, colaborou muito para que o compartilhamento de saberes se desse de uma forma mais horizontal.

Quando os estudantes foram perguntados se os debates haviam contribuído para a melhor percepção da abordagem temática dos filmes, todos responderam positivamente.

“Com certeza, a troca de ideias após os filmes foram tão ou mais importantes que eles próprios e enriqueceram muito as experiências.”

A escolha do filme *O veneno está na mesa* que aborda as propriedades químicas, a toxicidade e a utilização dos agrotóxicos proporcionou a utilização do cinema como uma ferramenta didático-pedagógica e tornou possível que os licenciandos tratassem de conceitos químicos vinculados a temática ambiental. A relação entre o Cinema e a Ciência também foi questionada com a pergunta “A partir do discutido sobre cinema e ciência foi possível perceber a importância e a relação entre essas áreas?”.

“Sim, a ciência está em tudo e a arte tanto a utiliza quanto a representa.”

A satisfação da direção da escola em relação ao projeto ficou evidente no relato escrito pelo coordenador pedagógico da escola que esteve presente em todas as etapas do projeto:

A parceria deste grupo com o CEBRIC foi extremamente positiva. Através dela nossos alunos tiveram a oportunidade de crescerem intelectualmente e como seres humanos além de terem contato com diversos estilos de filmes. [...] Espero que no ano de 2019 possamos continuar a parceria e contagiar um número cada vez maior de alunos, que vejam o cinema além de um meio de entretenimento, mas também como arte que retrata e questiona a realidade. (Coordenador pedagógico do Colégio, 2018).

Atendendo o desejo da escola e nosso, a parceria foi renovada e em função das reflexões e aprendizagens registradas, algumas modificações estão sendo feitas. Entre elas, o fato de que os estudantes da escola estão com maior autonomia na seleção dos temas discutidos, assim como estamos antecipando a formação técnica deles para



viabilizar a transição de espectadores a criadores de modo que possam exercitar também a potência criadora.

Segundo um dos licenciandos, houve necessidade de superação em vários níveis:

“[...] o desafio de fato existiu em diversos momentos: desde a tentativa de buscar uma abordagem menos tecnicista de conceitos científicos sem, ao mesmo tempo, deixar de trazê-los; na escolha dos filmes; no planejamento e pesquisa de dinâmicas explorando linguagens que o professor de Ciências muitas vezes não está acostumado - a linguagem poética, cinematográfica, as artes de maneira geral; e na própria organização do espaço da sala de aula - recursos de áudio.”

A competência para ver, que Duarte, considera o caráter mais educativo na escola e que emerge nas relações de experiência fílmica compartilhada entre alunos e professores surgiu na reflexão dos licenciandos, que se sensibilizaram quanto à relevância socialização de saberes para uma educação transformadora.

“[...] o contato nosso com a prática educacional no compromisso de promover experiências democratizadoras, provocando e estimulando o aluno na perspectiva de uma educação crítica, reflexiva e dialógica no espaço múltiplo que é a linguagem do cinema. Para além da função de ensinar, o professor tem como função educar e, principalmente, educar para a igualdade social e pluralidade cultural, pois educação é cultura e cultura é processo de significação de sujeitos.”

O entendimento de que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos que subverte a hierarquia professor- aluno, foi compreendida pelos licenciandos que tiveram que superar limitações conceituais, de infraestrutura e do senso comum de que cinema na escola é só entretenimento ou ferramenta de ensino de conteúdos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cine debate foi uma experiência nova, desafiadora e enriquecedora para todos os licenciandos que, por mais que já tivessem o contato com a sala de aula, vivenciaram um momento único de prática educativa, de uma nova construção de interação entre educador e educando por meio de diálogos mais lúdicos e descontraídos.

A pesquisa-ação realizada não se limitou a uma forma de ação, mas acima de tudo contribuiu para aumentar os níveis de consciência e conhecimento dos pesquisadores na prática escolar. Os instrumentos de análise, que foram o questionário diagnóstico, os debates, o questionário final e as anotações dos licenciandos, mostraram a relevância de escolher filmes que fossem de interesse e próximos à realidade do aluno, para promover a troca de saberes. A relação entre Arte e Ciência através da desafiadora tarefa de ouvir o que o educando tem a dizer, ajudou a busca por uma relação dialógica entre aqueles envolvidos no projeto. Toda a preparação para o projeto foi essencial, mas mesmo com um roteiro pré-elaborado de perguntas e ficha pedagógica, havia sempre uma novidade, uma reação inesperada verbalizada ou silêncios. Nesse processo foi fundamental focar não só nos sujeitos inseridos na escola e vistos como aqueles que recebem o conhecimento, mas deslocar o olhar para



aqueles que ensinam e aprendem durante a formação inicial, para que nova geração de professores se integre ao ambiente escolar. Professores que eduquem para a igualdade social e pluralidade cultural, capazes de significar sujeitos, num diálogo constante entre os saberes escolares e acadêmicos.

Finalizamos o relato dessa experiência, certos de que é possível que professores, mesmo que não pertençam à área de Artes ou Cinema possam despertar nos estudantes o gosto pela linguagem cinematográfica e adquirir o que Duarte chamou de competência para ver. Pois a partir do contato com os filmes, é possível aprender a observar a realidade com mais atenção, e a buscar o conhecimento crítico aliado à arte.

## 6. REFERÊNCIAS

ARROIO, Agnaldo. Vamos ao cinema aprender química? In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, 14., 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2008.

BARRETO, Marcio. O cinema e o campo perceptivo da ciência. **Ciência & Cultura**, v.66, n.4, São Paulo, out./dez. 2014.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro; GIRASOLE, Mariana; ZANELLA, Priscilla Guimarães. O uso do cinema como estratégia pedagógica para o ensino de Ciências e de Biologia: o que pensam alguns professores da região metropolitana de Belo Horizonte. **Revista Práxis**, n.10, p.97-115, dez. 2013.

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema**. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

BONAMINO, Alicia; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso; CAZELLI, Sibebe. Os efeitos das diferentes formas de capital no contexto escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v.15 n.45, São Paulo, set./dez. 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

BRITO, Assicleide da Silva; LIMA, Maria Batista; LOPES, Edinéia Tavares. Reflexões sobre os saberes docentes e a formação de professores de Química. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v.18, p.139-158, mai./ago. 2015.

CHASSOT, Attico. **Educação consciência**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2007.

CUNHA, Marcia Borin; GIORDAN, Marcelo. A imagem da ciência no cinema. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v.31, n.1, p.9-17, fev. 2009.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente Cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola, sob o risco da democracia. **Revista contemporânea de educação**, v.5, n.9, p.107-113, 2010.



SANTOS, Paloma Nascimento dos; AQUINO, Kátia Aparecida da Silva. Utilização do cinema na sala de aula: aplicação da química dos perfumes no ensino de funções orgânicas oxigenadas e Bioquímica. **Química Nova na Escola**, v.33, n.3, p.160-167, agosto, 2011.

SOARES, Maria da Conceição Silva; PASSOS, Mailsa Carla Pinto Passos; ALVES, Nilda; PEREIRA, Rita Ribes. Como na Faculdade de Educação da UERJ estamos praticando pensando cinema e o significado da Lei nº 13.006/2014. In: FREQUEST, Adriana.

**Cinema e Educação: a lei 13006- Reflexões, perspectivas e propostas.** Ouro Preto: Universo e produções. 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

Submetido em: **07/09/2019**

Aceito em: **06/05/2020**